



O CONTINENTE AFRICANO OU AS MUITAS ÁFRICAS

Aguinaldo Aldighieri Soares

Capitão-de-Mar-e-Guerra, da turma de 1954, promovido ao posto atual, por merecimento, em 30 ABR 77.

Possui os cursos da Escola Naval, de Aperfeiçoamento de Máquinas para Oficiais, de Comando e Estado-Maior da Escola de Guerra Naval, Superior de Comando da Escola de Guerra Naval, e de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas da Escola Superior de Guerra.

Serve atualmente no Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA) e possui alguns trabalhos publicados na Revista Marítima Brasileira; de onde é transcrito o presente trabalho.

INTRODUÇÃO

Observando com atenção a superfície do globo terrestre, verificamos a provável procedência da tese científica que menciona o lento movimento (cerca de 5 cm ao ano) da América do Sul em direção W — SW, separando-a progressivamente do continente africano. Essa separação deu origem a uma cordilheira submarina, cujos picos constituem as ilhas oceânicas do Atlântico Sul. Este oceano, que se formou entre os dois continentes, é de todos, ou não é de ninguém, conforme nos coloquemos sob tal ou qual enfoque dos estudiosos do Direito Internacional Público. Nossos governos têm interpretado sabiamente que o alto-mar nos une aos demais povos do mundo, o que permite aprovar a afirmação dos nossos diplomatas de que a costa ocidental africana é considerada para todos os efeitos a nossa fronteira Leste; ou, numa assertiva mais ambiciosa, de Brasil-Potência, que as fronteiras marítimas do nosso país se estendem a todos os portos e terminais do mundo, onde se origina ou se destina o comércio exterior brasileiro.

Com efeito, a prioridade concedida aos assuntos africanos foi expressa desde o início do atual governo, pelas seguintes palavras do Presidente Geisel:

"No campo da Política Externa, (...) daremos relevo especial ao nosso relacionamento com as nações irmãs da circunvizinhança de aquém e além-mar" (Primeira Reunião Ministerial, em 19 de Março, 74;) e ainda: "A Presidência da República, no início do atual mandato determinou fosse prestada atenção prioritária às relações do Brasil com as nações africanas" (Mensagem ao Congresso — 1-3-75).

Essa linha de ação adotada, de aumentar nossa atenção e nossa influência política e econômica em relação às nações africanas se insere coerentemente, tanto no permanente conflito Leste—Oeste, como no crescente conflito Norte—Sul. Naquele, o Brasil se coloca definitivamente no bloco ocidental; mas, como no continente africano as fronteiras ideológicas estão indefinidas, ou mal definidas, é mister acompanhar e tentar influir na evolução política dos jovens Estados africanos, para que essa evolução não contrarie nossos interesses externos. No segundo conflito — eminentemente econômico — a nossa posição de potência emergente *ainda* é de alinhamento ostensivo com os países africanos, na disputa ferrenha por maiores porções do mercado internacional, contra os países industrializados do Hemisfério Norte, os quais vêm adotando todos os tipos de discriminação comercial contra os produtos dos países em desenvolvimento do Hemisfério Sul.

INFORMAÇÕES BÁSICAS

Vejamos alguns aspectos do continente incorretamente denominado negro. Digo incorretamente devido à diversidade de etnias, línguas, solo, vegetação, clima, economia, religiões etc.

Sob o aspecto físico, podemos distinguir três grandes regiões no continente africano: a) a parte Norte, tórrida e seca, que compreende o grande Deserto do Sahara, o vale do Rio Nilo e seu delta, as Montanhas do Atlas; b) a parte central, que compreende o Sahel (ou zona de transição do deserto para a selva), a região quente e úmida, os vales dos Rios Senegal, Niger, Volta, Congo e Zambeze, os formadores do Rio Nilo, os grandes Lagos Vitória, Tanganika e Niassa, os Montes Kenya, Kilimandjaro e Ruwenzori; c) a parte Sul, tropical, onde se notam as savanas, os Desertos de Kalahari e da Namíbia, as regiões semiáridas da Província do Cabo, a ausência de grandes rios e de altas montanhas e uma região úmida a sudeste.

Quanto aos grandes grupos étnicos que vivem em África, poderíamos assim classificá-los: a) maioria de povos bérberes no Maghrebe (Marrocos, Argélia, Tunísia e a província líbia da Tripolitânia); b) maioria de povos árabes na província líbia da Cirenaica, Egito, Norte do Sudão, Eritréia, Djibouti, Somália e Maurítânia; c) maioria de povos nilóticos na Etiópia; d) povos negros em toda a África subsaariana; e) mistura de negros, árabes e asiáticos em Madagascar e nas ilhas africanas do Oceano Índico; f) povos brancos, em minoria, na Rodésia e África do Sul.

Sob o aspecto religioso, de grande influência no campo político, constatamos a presença de três grandes grupos religiosos: a) os muçulmanos, árabes ou negros, espalhados por todo o Norte da África, o Sahara, o Sahel, a costa do Oceano Índico até a África do Sul, e as ilhas deste oceano; b) o cristianismo, em sua forma copta na Etiópia e no Egito, e ainda ou católico, ou protestante, ou anglicano, em toda a África subsaariana — entre negros e brancos; c) o animismo (ou religiões primitivas e tribais), praticado pelos povos negros de toda a África subsaariana, não convertidos ao islamismo ou ao cristianismo.

Em relação à lingüística, a variedade de línguas e dialetos falados no continente africano é imensa; porém a maioria maciça das línguas nativas dos povos negros não foi ainda codificada e portanto não é escrita, com exceção do swahili — amplamente usado no Kenya, Tanzânia e Zaire. No cone Sul do continente predominam os dialetos bantus; na Somália e em Djibouti a língua árabe é corrente e oficial em todos os países do norte da África, desde a Mauritânia até o Sudão. As línguas das antigas metrópoles são ainda as oficiais, ou amplamente usadas nas antigas colônias britânicas, francesas, portuguesas, belgas e espanholas. O *afrikaans* — uma forma de holandês antigo — é a língua utilizada por 2/3 da população branca sul-africana, localizada nos Estados de Orange e Transvaal.

Os recursos econômicos de maior vulto podem ser alinhados como segue: fosfatos no Marrocos e no ex-Sahara espanhol; petróleo na Argélia, Líbia, Egito, Angola (Cabinda), Gabão e Nigéria; cacau, café e óleo de palma em todos os países do Golfo da Guiné; minério de ferro na Libéria; manganês no Gabão; diamantes em Angola; cobre em Zâmbia; cobre e cobalto no Zaire (Shaba); cromo e amianto na Rodésia; ouro, diamantes, carvão e urânio na República da África do Sul.

Como parte importante da economia deve-se destacar a excelente malha ferroviária existente no cone Sul-Africano, interligando Angola, Zaire (Shabá), Zâmbia, Rodésia, Malawi, Moçambique, Botswana e África do Sul, independentemente de suas disputas político-militares.

Vistos esses aspectos básicos do continente, podemos concluir por dividi-lo em duas ou três partes, para apreciação. Os nossos diplomatas costumam dividir a África em: a) a África do Norte, ou árabe, ou mediterrânea que fica a cargo da Divisão do Oriente Médio; b) a África propriamente dita, ou África negra, ou subsaariana, que fica a cargo da Divisão da África. Se pensarmos em termos eminentemente políticos, poderíamos ainda subdividir a África subsaariana em África Negra e África Branca, ou meridional, ou austral. Esta seria aquela ainda dirigida pelas minorias brancas, isto é, Rodésia, Namíbia e República da África do Sul. A estas duas últimas regiões, a imprensa brasileira denominava no governo passado, com propriedade, respectivamente a África do Itamaraty e a África dos Ministérios da Fazenda e da Marinha.

INFLUÊNCIAS EXTERNAS

Excluindo-se a Abissínia — parte da atual Etiópia — e a Libéria, ambos estados soberanos desde antes da guerra de 1939/1945, todos os demais territó-

rios do continente africano foram partilhados desde o século passado entre as potências europeias: Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha e Bélgica.

Após o término da Primeira Guerra Mundial, a Liga das Nações atribuiu França e à Grã-Bretanha a administração dos antigos territórios alemães: Togo e a parte Sul de Camarões ficaram com a França, Tanganyka e o Norte de Camarões com a Grã-Bretanha, e o Sudoeste Africano (Namíbia) com a África do Sul representando os britânicos. O Marrocos estava dividido entre a Espanha e a França; a Eritreia e a Líbia administradas pela Itália; a Somália estava entre a França, Itália e a Grã-Bretanha; o atual Zaire (ex-Congo Belga) entregue à Bélgica; e o Sahara Espanhol e a atual Guiné Equatorial com a Espanha. O restante do continente, no período entre guerras, pertencia à França, Grã-Bretanha e Portugal.

Essas metrópoles haviam dividido politicamente a África, segundo seu próprio poder ou capacidade de conquista, e assim não levaram em conta as nações já existentes naqueles territórios. Aos grupos étnicos, lingüísticos e religiosos africanos foram atribuídas então fronteiras políticas, que freqüentemente dividiram nações importantes, ou agruparam várias nações diferentes sob uma mesma administração colonial. Com o posterior advento da independência, essas fronteiras políticas permaneceram, agravando os demais problemas naturais a serem enfrentados por qualquer novo Estado ao iniciar-se a sua soberania.

Cada uma dessas metrópoles levou, porém, para a África, em maior ou menor grau, a sua língua, sua cultura, seu poder militar e financeiro, buscando explorar a economia das colônias, ou utilizá-las com fins político-militares, e, em função de sua importância estratégica, para os interesses globais das potências administradoras.

A independência política mais ou menos sangrenta dos territórios africanos começou a ocorrer na década de 50, em face da nova distribuição de poder, determinada pelo final da Segunda Guerra Mundial.

A outorga de soberania política não foi porém acompanhada pela independência econômica, e a maioria dos novos Estados continuou a depender economicamente e financeiramente das antigas metrópoles.

Na grande maioria dos novos Estados africanos, tanto árabes quanto negros, o período imediatamente posterior à independência demonstrou a preferência pelos regimes de partido único, pelas lideranças carismáticas — muitas das quais permanecem desde 1956 até os dias de hoje (Senghor, Sakou Touré, Houphouët Boigny, Kenyatta, Nyerere, Bourguiba, Hassan); mostrou ainda na África Negra a exclusividade dos postos do poder político-burocrático em mãos da tribo dominante, ou, em outros países a guerra fratricida (Nigéria, Zaire, Angola) e uma sucessão de golpes de estado que revezaram as facções tribais no comando do poder político.

As alterações que temos observado na balança do poder mundial nas décadas de 60 e 70, quando a França e Grã-Bretanha vêm deixando de ser potên-

cias globais para se limitarem a ser apenas potências européias, quando a China — apesar de seus conflitos internos — vem tentando ascender ao nível de superpotência, quando a Alemanha Ocidental e o Japão vêm expandindo sua influência econômica, quando Portugal mudou dramaticamente seu regime político, afetaram sensivelmente todos os países africanos em cada um dos campos do poder.

As influências predominantes das antigas metrópoles passaram, já na década de 60, a ser confrontadas com as influências dos EUA, da URSS e seus satélites, da China, do Japão, da R.F. da Alemanha e de Israel. Relacionamos, no anexo A, os acordos e tratados político-militares, atualmente em vigor nos Estados africanos.

Esse jogo de influências políticas, militares e econômicas, atuando sobre um grupo relativamente reduzido de indivíduos constituintes das elites locais, tem agravado a instabilidade política na maioria dos países africanos, freqüentemente estabelecendo o confronto interno entre as grandes tribos ou nações de um mesmo país.

A organização social na África, tanto árabe quanto negra, é eminentemente patriarcal, sendo as decisões importantes tomadas pelos chefes locais, após ouvirem os conselhos dos anciões, e sem serem admitidas contestações dos mais jovens. Esse tipo de estrutura, em que as sociedades são fragmentadas em tribos ou nações, vem subsistindo, apesar da urbanização crescente da população, e, aliado à religiosidade tanto islâmica quanto fetichista, não tem favorecido à ideologia marxista. Podemos afirmar que o islamismo e as crenças religiosas tribais se têm revelado incompatíveis com o comunismo. Não há um só partido comunista forte em todo o continente africano, sendo que em grande parte dos países esse partido nem sequer existe. Isso em parte se deve à existência dos partidos únicos, normalmente de tendência socialista.

O que temos verificado ultimamente no terreno da divisão ideológica é o fato de governos não marxistas se alinharem internacionalmente ao bloco soviético (Libia e Uganda, atualmente, e Egito, Sudão e Somália anteriormente, por exemplo), ou governos socialistas, e grupos marxistas no poder que favorecem a ação do comunismo internacional (Tanzânia, Argélia, Moçambique, Angola, Guiné, Guiné-Bissau, Congo, Ghana e Benin, por exemplo).

A ação do P.C.U.S. e do P.C. Chinês na África não tem encontrado a esperada contrapartida. Como diz Richard Staar, em seu *World Communism: Status Report 1978*, os 17 movimentos comunistas existentes na África e no Oriente Médio contam agora com apenas 16 mil integrantes, o que significa uma redução de quase 4 mil associados em um ano. Diz ainda que, em termos de tamanho e propaganda, as organizações internacionais subsidiadas secretamente pelos comunistas são muito mais eficientes do que os partidos comunistas, sendo que nove de cada dez dos associados a essas organizações são *inocentes úteis*. Algumas dessas organizações internacionais subsidiadas por Moscou estão relacionadas em anexo B.

Após mencionar a atuação do P.C.U.S., vejamos as atividades do Estado Soviético, o qual nem sempre tem os mesmos interesses externos que aquele. A

presença ativa da União Soviética no Terceiro Mundo desde a década de 1950, de certa forma marcou uma etapa fundamental de sua política externa, qual seja a de sua transformação de potência continental em potência global. Se essa fase teve um caráter principalmente ideológico, entendido como o desejo de alargamento do império soviético, com base no preceito do internacionalismo socialista, hoje, diversamente, a resultante da dicotomia existente entre os anseios teóricos do P.C.U.S. e os interesses permanentes do Governo parece pender preponderantemente em favor destes últimos. A URSS vem cuidadosamente tecendo uma rede de dependência por todo o continente africano. Ao centralizar seus objetivos políticos em pontos estrategicamente localizados, criando novos mecanismos de cooperação bilateral, incrementando os já existentes, sua influência junto aos movimentos de libertação nacional se expande e encontra eco nos anseios de independência e de liberdade dos povos africanos.

De todos os assuntos que têm estado em foco no noticiário internacional no último ano — inclusive o Oriente Médio — são as notícias sobre a África as que mais têm recebido cobertura na imprensa soviética, principalmente aquelas sobre Angola e o *Chifre africano*, o que denota o grau de importância que o Kremlin vem atribuindo a essa área.

Apesar dos seus sucessos na África, devemos nos lembrar também dos insucessos representados pela expulsão russa do Egito, Sudão e Somália, e da instabilidade da simpatia demonstrada em Ghana, em Zâmbia, e parece que — após o último golpe de Estado em 1977 — no Congo. Devemos lembrar-nos, também, que até hoje as forças soviéticas não conseguiram se apoiar nas antigas bases navais francesas de Diego Suarez (Rep. Malgaxe) e Mers-el-Kebir (Argélia), ou transformar em bases permanentes os complexos portuários e aeroportuários de Cabo Verde, Moçambique, Ghana, Nigéria ou Guiné-Bissau, para citar apenas alguns países com governos simpáticos a Moscou.

Seus insucessos — ou falta de perenidade nos sucessos — se devem em grande parte ao fato de que a URSS é considerada, a despeito dos esforços de sua propaganda, uma nação branca, desenvolvida e européia. Tanto o *nacionalismo* como o *socialismo* africanos, à medida que procuram valorizar os segmentos nacionais, tanto em política como na cultura, estabelecem barreiras naturais para a penetração de potências estrangeiras, principalmente para o Estado soviético, que norteia seus atos por princípios ideológicos de cunho materialista, estranhos ao ambiente africano, e em permanente conflito com seus cultos animistas e sua organização tribal.

O que distingue o *socialismo africano* é justamente o compromisso entre a centralização e planificação da economia e a abertura para as técnicas e capitais ocidentais. Mesmo as ex-colônias portuguesas, que se dizem marxistas e aceitam a participação ativa dos russos nos seus negócios internos, procuram manter abertos seus canais de comunicação com o mundo ocidental.

A herança colonial também contribui para dificultar a ação soviética, pois que as metrópoles, especialmente França e Grã-Bretanha, ainda representam

possibilidade de acesso à tecnologia, aos financiamentos, aos mercados e ao sistema de comercialização ocidentais. Realmente, verificamos que os conflitos e alinhamentos que pesaram para o lado soviético estão ocorrendo, de modo geral, em países que não possuem uma ex-metrópole forte, isto é, nos lusófonos, hispanófonos, e na Líbia, na Etiópia, na Guiné (não pertencente à Comunidade Francesa) e na Argélia, onde foi doloroso o processo de independência.

No momento atual, a estratégia soviética na África parece atender a dois propósitos principais: a) ampliar a vitória política sobre a China e os EUA; e b) angariar aliados que dominem posições estratégicas no Índico e no Atlântico, de modo que as forças navais e aéreas soviéticas possam operar em proveito de seus objetivos políticos e militares. Podemos ainda registrar um outro propósito: exercer controle sobre algumas das principais fontes de matérias-primas, perturbando eventualmente seu fornecimento ao Ocidente, e garantindo mercados supridores e consumidores para o futuro. Um exemplo recente de manobra, no mercado internacional de minérios, foi a revenda de cromo rodesiano aos EUA, após o boicote decretado à Rodésia, pelo Congresso norte-americano.

A simpatia da Nigéria para com a URUS se deve ao apoio decidido que esta emprestou ao governo central nigeriano, por ocasião da tentativa de secessão de Biafra. Já a República da Guiné deve também aos russos seu apoio político e militar, em 1970, por ocasião da tentativa de deposição do Presidente Sekou Touré por forças pára-militares portuguesas, em incursão anfíbia preparada em Gâmbia.

Devemos deixar aqui registrado o papel que tem exercido a Líbia como exportadora de subversão. Não apenas em relação ao apoio ostensivo que presta à guerrilha palestina no Oriente Médio, mas também por suas intervenções no Tchad, no Egito, no Sudão e em Uganda.

Falemos agora de Cuba. Este pequeno país do Caribe, agindo não só por procuração da URSS, mas seguindo sua própria linha política, traçada desde janeiro de 1966, na Primeira Conferência de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina, e que teve seqüência na outorga recente de uma nova constituição na qual Fidel Castro considera justa e obrigatória a ajuda prestada às guerras de libertação nacional, vem aumentando sua influência em África — não apenas militar mas também civil — especialmente, desde 1975, de maneira assombrosa, como podemos ver no mapa em anexo C; ele expressa com razoável precisão a intromissão cubana atual nos Estados africanos.

O vulto dessa intervenção militar de um país pequeno no exterior acarretaria um enfraquecimento fatal em sua defesa; mas, isto foi contornado pela chegada à Cuba de pessoal militar soviético, especialmente de aviação.

Falaremos mais adiante dos conflitos nos quais as forças cubanas estão atualmente empenhadas.

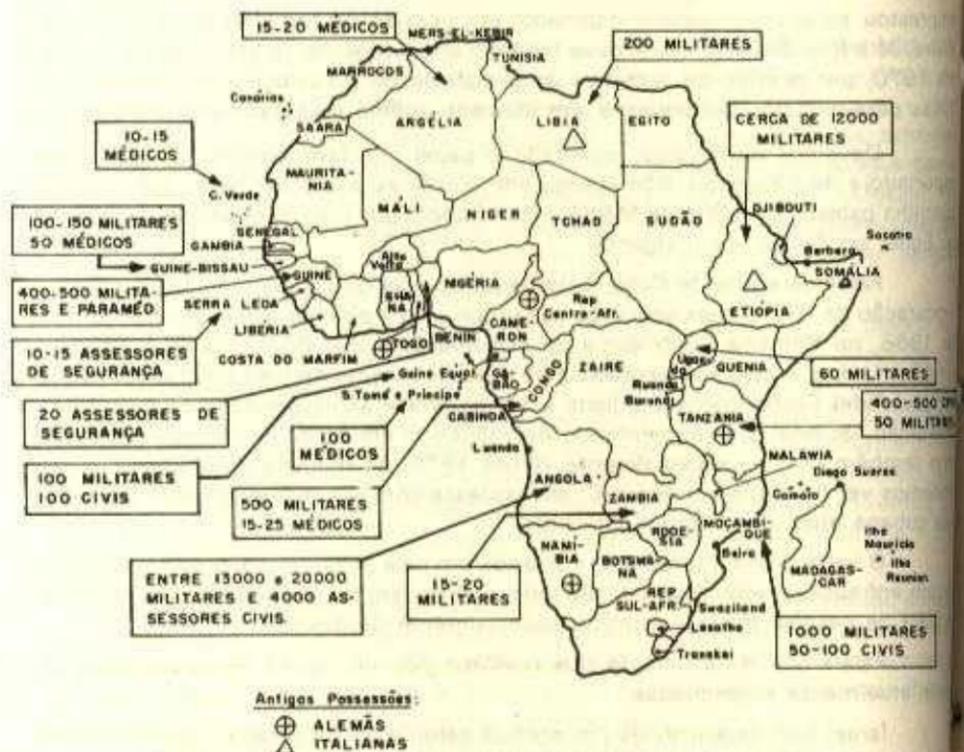
Israel tem desenvolvido um notável esforço de cooperação com os países africanos moderados, para diminuir a oposição do bloco da Organização para a Unidade Africana no seio da ONU. Sua presença foi mais ativa antes da guerra do

Yan Kipur, de 1973, quando então seus técnicos tiveram de se retirar de vários países negros. Atualmente, seu bom relacionamento é mais notável com os governos sul-africano, queniano e etíope.

A decisão chinesa de *libertação* do continente negro veio em 1961, após a ruptura com Moscou, e 1965 foi o ano do apogeu do seu prestígio ali; mas então sobreveio a Revolução Cultural e com ela um retrocesso geral nas atividades dos homens de Pequim; contudo, não uma interrupção total.

A tônica da propaganda chinesa sempre foi a de que sua revolução, feita por camponeses, deveria ser o verdadeiro modelo para os africanos; pois, a revolução russa havia sido executada por operários. Mas os chineses não compreenderam devidamente o espírito religioso, dolente e a hierarquia tribal dos africanos; por isso, seu sucesso tem sido muito restrito nesta parte do mundo. Os propósitos da R.P. de

ANEXO "C" CUBANOS NA ÁFRICA



China na África aparentemente são: a) contrabalançar a presença da URSS; b) apoiar os movimentos de *libertação*; e c) aumentar o comércio. Sua principal obra no continente foi a construção da ferrovia Tanzan (de Lusaka a Dar-es-Salaam), que permitiu à Zâmbia livrar-se da contingência de ter de exportar seu minério de cobre através dos portos, então lusos, de Lobito (Angola) e Beira (Moçambique). Atualmente, apóia decididamente a Unita, em Angola, contra as forças cubanas e do MPLA apoiadas pela URSS.

O Japão e a R.F. da Alemanha têm desempenhado na África um papel iminente como potências econômicas. Os produtos japoneses são encontráveis em toda a África negra, assim como os capitais e as técnicas alemãs ocidentais.

A principal preocupação americana nos conflitos africanos é a de serem preservadas as fronteiras coloniais, no que, aliás, são também concordes os russos, para que não sejam abertos precedentes perigosos.

ZONAS ATUAIS DE ATRITO

África do Sul

Este país desfruta de uma posição privilegiada, a cavaleiro das águas por onde se cruzam as rotas marítimas entre o Atlântico e o Índico. Seu governo, apesar de francamente pró-ocidente e anticomunista, sofre pressões internacionais de toda a ordem devido à sua política interna de segregação racial — o *apartheid*. Essas pressões, exercidas por governos ocidentais, são paradoxais, pois o tráfego marítimo vital para os países democráticos, de/e para o Oriente, depende direta ou indiretamente do apoio logístico e militar existente na África do Sul, tanto em tempo de paz quanto de guerra. Os portos situados na parte Sul do continente africano proporcionam as únicas instalações comerciais, industriais e de comunicações, bem desenvolvidas, dentro de um raio de milhares de milhas. Não apenas a pequena Base Naval de Simonstown, mas principalmente os Portos de Durban, Capetown, Port Elizabeth e East London dispõem de diques secos e flutuantes, oficinas de reparos e infra-estrutura para o abastecimento de navios. Novos portos ou terminais estão sendo construídos em Richards Bay, Saldanha Bay, Table Bay e Mossel Bay. Os auxílios à navegação e as estações para o serviço móvel marítimo existentes na África do Sul contribuem de muito para a eficiência do transporte de longo curso. Quanto à segurança militar, também desejável pelos armadores, em épocas de paz e de conflito, assinala-se que a Marinha Sul-Africana mantém patrulha constante, aérea e naval nas águas de seu interesse, bem como opera um moderno centro de comunicações e de operações marítimas situado a meio-caminho entre Capetown e Simonstown.

Sem dúvida, o verdadeiro objetivo do bloco soviético na África é ter no poder sul-africano um governo que lhe seja favorável. Principalmente, pelas razões

de ordem estratégica, mas, também pelas de ordem econômica, a República da África do Sul é a grande presa, cuja posse lhe permitirá controlar não só a principal rota do tráfego marítimo mundial, mas também quase monopolizar o ouro e o urânio deste planeta.

O principal aliado russo nessa escalada tem sido a política sul-africana de *apartheid*, ou do desenvolvimento separado, que tem imobilizado o bloco ocidental nos foros internacionais em defesa daquela área estratégica de seu interesse.

A política de *apartheid* prevê a distribuição da atual população em dez Estados negros — chamados *bantustans* — e um Estado branco. Apenas 15% do atual território sul-africano é de terras aráveis, e, com a criação dos *bantustans*, os negros teriam apenas 13%, os brancos e os demais 87% dessas terras. O primeiro *bantustan* a receber soberania foi o Transkei, em outubro de 1976, e o segundo — em dezembro de 1977 — foi o Bophuthatswana, ambos não reconhecidos pela comunidade internacional.

O mapa em anexo nos mostra a distribuição territorial dos 11 Estados previstos D

Não tem havido — por enquanto — pressão militar externa, ou guerrilha, contra o poder branco sul-africano. A pressão comunista e *não alinhada* atual está dirigida para a Rodésia e a Namíbia, com a convivência do Ocidente. O que se deve esperar para os próximos meses é uma crescente insatisfação interna da maioria não branca, gerando conflitos e mesmo terrorismo urbano.

A República Sul-Africana constitui-se, sem dúvida, no maior poder militar e econômico do continente. E a força da economia tem se revelado maior do que a força das dissensões políticas; em conseqüência, é expressivo o comércio deste país com os demais da África Negra, assim como é flagrante a dependência de alguns — mesmo radicais — do mercado sul-africano. Citemos alguns exemplos: a) os antigos enclaves britânicos do Lesotho, Botswana e Swazilândia têm suas economias totalmente dependentes da R.A.S.; b) a Rodésia, especialmente após o boicote decretado pela ONU, depende totalmente das ferrovias e portos sul-africanos, e das trocas de mercadorias essenciais com seu vizinho do Sul; c) Moçambique depende dramaticamente das divisas em moeda forte geradas pela mão-de-obra exportada voluntariamente para as minas do Transvaal, do pagamento da energia elétrica exportada por Cabora-Bassa, e dos rendimentos auferidos pelo movimento portuário através de Maputo (ex-Lourenço Marques) por parte das exportações e importações sul-africanas com o exterior; d) há investimentos sul-africanos em Angola, no Malawi e na Rep. Malgaxe; e) em vários países da África negra (Nigéria, Costa do Marfim, Ghana, Gabão, etc.) come-se carne, legumes e frutas sul-africanas e bebem-se vinhos da mesma procedência, que chegam a esses países em aviões, sem qualquer pintura ou insígnia, ou em navios discretos, de terceiras bandeiras; e f) a South African Airways continua fazendo escala para abastecimento de seus aviões na Ilha do Sal (Cabo Verde).



BANTUSTANS

- TRANSKEY (Indep 26/10/76)
 1 - BOPHUTHATSWANA (Indep 06/12/77)
 2 - SOUTH NDEBELE
 3 - LEBOWA
 4 - VENDA
 5 - GAZANKULU
 6 - SWAZI
 7 - KWAZULU
 8 - QWAQWA
 9 - CISKELI

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE

A Namíbia (ex-Sudoeste Africano)

A ONU determinou que a República da África do Sul encerre seu mandato sobre esta antiga colônia germânica. As conversações em curso acordaram que a independência deste território possa ocorrer em 31 de dezembro de 1978. A população de Namíbia é de cerca de 600 mil pessoas, sendo 90 mil brancos. A organização guerrilheira S.W.A.P.O. — de ideologia marxista — tem fustigado as tropas sul-africanas ali estacionadas, partindo de bases em Angola; mas não parece possuir o apoio político da maioria da população desse país semidesértico, porém rico em minérios. Um plano político para levar o país à independência vem sendo negociado por uma comissão de representantes dos EUA, Grã-Bretanha, França, Alemanha e Canadá junto à República Sul-Africana e às lideranças políticas locais. O grande obstáculo ainda a vencer diz respeito à pretensão sul-africana de manter sua soberania sobre o enclave que contém o Porto de Walvis Bay, o qual se constitui no único porto de águas profundas naquele território.

A Rodésia ou Zimbabwe

Este país está nas manchetes dos jornais. Possuindo 300 mil brancos que governam cerca de 6 milhões de negros, proclamou-se independente da Grã-Bretanha, em 1965, contra a vontade desta, que desejava uma constituição prevendo a igualdade de direitos civis para todos os habitantes. Após a decretação de sucessivos boicotes internacionais pelos órgãos da ONU, desde o final da década de 1960 a situação externa agravou-se com a independência de Angola e Moçambique, no final de 1975. A partir de então, os líderes rodésianos radicais e marxistas Joshua N'Komo e Robert Mugabe se uniram na Frente Patriótica e iniciaram uma campanha de guerrilhas contra o governo branco de Ian Smith, partindo de bases respectivamente localizadas em Zâmbia e em Moçambique. A pressão externa foi aumentada com a ação política concertada entre os autodenominados países da Linha da Frente, isto é, Angola, Zâmbia, Tanzânia, Moçambique e Botswana, com o apoio material da URSS à Frente Patriótica, através desses países, e com a conivência de algumas potências ocidentais.

Premido pelas pressões política e econômica externa, com reflexos crescentes internos — sobretudo pela emigração de ponderável parcela da população branca — o governo de Ian Smith passou a admitir um governo de maioria negra, em que fossem respeitados os direitos dos brancos. Para isso, convocou os líderes negros moderados que permaneciam no país (Muzorewa, Sithole e Chirau) e, após demoradas negociações, chegaram a um acordo prevendo a implantação — já efetuada — de um governo de transição, que será o responsável pela organização de eleições livres, no final de 1978. Este acordo pode não representar o ideal desejado pelas potências ocidentais, mas é, sem dúvida, um grande passo à frente, em busca de uma transferência pacífica de poder. Realmente, os líderes da Frente Patriótica ficaram fora do acordo, como dizem os adversários desse processo; mas isto aconteceu porque eles mesmos se excluíram do diálogo interno, preferindo

negociar em Malta com a Grã-Bretanha e os EUA e não com aqueles interlocutores que detinham concretamente o poder político e militar em Salisbury.

O atual governo, co-dirigido pelos três líderes negros moderados e pelo Premier Smith, convidou a todos os membros do ZANU e do ZAPU — partidos de Mugabe e N'Komo — para que regressassem à Rodésia, em paz, e participassem das eleições; mas, pelo menos aqueles dois líderes radicais não aceitaram o convite, porque, na realidade, eles temem um resultado das eleições que, aparentemente, não os favorecerá.

Assim, o que estamos vendo agora é a discutível diplomacia africana dos EUA, seguida indecissamente pela Grã-Bretanha, fazendo o jogo dos soviéticos, de Cuba e de todos os radicais africanos. A raça deixou de ser o problema central; a ideologia é agora o ponto mais importante. E, paradoxalmente, segundo um destacado parlamentar inglês "os líderes da maioria negra uniram suas forças com o líder da maioria branca, para estabelecer uma democracia pluralista pró-ocidente; pois, ambas estão decididas a resistir ao avanço do imperialismo soviético na África". Os primeiros resultados dessas atitudes, das lideranças internas, foi a diminuição das tensões inter-raciais e uma queda maciça no movimento de emigração branca.

Angola

A mais rica das antigas colônias portuguesas viu iniciar-se o movimento guerrilheiro, em 1961, o qual, em seguida a dissensões internas e influências externas diversas, dividiu-se em três facções: a FNLA de Holden Roberto, mais atuante ao Norte, apoiada pelo Zaire e pelos EUA; a UNITA de Jonas Savimbi, mais atuante no Sul, apoiada pela China, África do Sul e EUA; e o MPLA de Agostinho Neto, que era dominante nos principais centros urbanos, apoiado pela URSS.

A independência angolana teve seu processo repentinamente acelerado — como nas demais colônias portuguesas — devido à "revolução dos cravos vermelhos" na metrópole, em 25 de abril de 1974. Com a ascensão dos comunistas ao poder, em Lisboa ao final do mesmo ano, o representante do governo luso em Angola facilitou, intencionalmente, a entrega do governo angolano à facção guerrilheira alinhada com a URSS, o MPLA de Agostinho Neto, o qual, por coincidência, detinha o controle de Luanda. Em seguida, as lideranças das outras duas facções retiraram-se para suas respectivas áreas de controle, o MPLA solicitou e recebeu o apoio maciço da URSS em material e de Cuba em tropas, e chegamos à situação atual de um Vietnã africano, ao inverso. Sim, ao inverso, porque o MPLA pró-soviético e as tropas cubanas controlam os principais centros urbanos; e as guerrilhas, apoiadas pela China e países ocidentais, dominam as zonas rurais, fustigam as forças regulares e praticamente inibiram as atividades econômicas agrícolas (café) e as rodovias e ferrovias interioranas. Além disso, permanece a atuação da FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda) que pretende a independência do distrito de Cabinda — grande produtor de petróleo — do Estado angolano. Na situação atual, os 4 mil assessores civis cubanos dominam a máquina burocrática;

os cerca de 15 mil militares cubanos garantem o governo marxista de Agostinho Neto, os grupos-tarefa da Marinha Soviética freqüentam o Porto de Luanda regularmente; a cafeicultura foi praticamente liquidada pela guerrilha da FNLA baseada no Zaire, e a UNITA revelou-se o movimento guerrilheiro mais forte, pois domina as áreas rurais da metade Sul do país e impede o tráfego permanente nos Caminhos de Ferro de Benguela, utilizando as táticas prescritas nos manuais cubanos, contra as táticas norte-americanas antiguerrilha usadas agora pelas tropas cubanas.

O ex-Sahara Espanhol

Essa antiga colônia espanhola, desértica, rica em fosfatos extraídos na superfície, tem uma população de apenas 75 mil pessoas. Na mesma época da morte do generalíssimo Franco em Madri, a Espanha concordou em entregar o território ao Marrocos e à Mauritânia, mediante um acordo, cujas cláusulas ainda permanecem secretas, firmado pelos três países, em 14/11/75. No dia 26/2/76, terminou oficialmente a colonização espanhola e em seguida, o território foi dividido em cerca de 2/3 para o Marrocos, ao Norte, e 1/3, no Sul, para a Mauritânia. Simultaneamente, o Conselho Nacional Provisório da Frente POLISARIO (Frente Popular de Libertação do Sakiet-el-Hamra e Rio de Oro) proclamava unilateralmente a República Árabe Democrática do Sahara. A Frente POLISARIO tem suas bases na Argélia, da qual recebe todo o seu apoio; e intensificou suas atividades guerrilheiras contra todas as atividades econômicas e militares do Território Saaruí tanto marroquinas quanto mauritanas e também contra a assessoria de pessoal francês em atividades de mineração. Esse decidido apoio argelino à Frente POLISARIO levou ao rompimento das relações diplomáticas entre os três países e se deve a uma pretendida saída argelina para o Oceano Atlântico; essa pretensão se soma à rivalidade do governo socialista argelino de Houari Boumedienne com a monarquia marroquina e deseja evitar o crescimento da importância econômica e geopolítica do Marrocos.

O Chifre da África

Os conflitos que existem há muitas décadas nessa região, e que cresceram de intensidade após a deposição do Imperador etíope Hailé Selassiê, em setembro de 1974, têm como motivação principal a importância geopolítica dos territórios ribeirinhos ou próximos ao estreito de Bab-el-Mandeb. Nesses conflitos interferem as diferenças étnicas, religiosas, ideológicas, econômicas e políticas, não só dos povos e governos desta região como também dos Estados beligerantes no Oriente Médio e, evidentemente, dos representantes dos blocos ocidental e oriental. O estreito de Bab-el-Mandeb é o acesso sul do Canal de Suez e do Golfo de Áqaba e daí advém sua importância regional e mundial.

O atual Estado da Etiópia é formado basicamente por duas grandes províncias: a) a Abissínia — mediterrânea, cristã copta, de raça hamito-semítica, e com uma minoria de tribos nômades de origem somali no Deserto de Ogaden, a leste; e

b) a Eritréia — no litoral do Mar Vermelho, com os dois únicos portos etíopes (Massawa e Assab), de maioria muçulmana e de etnia árabe ou mestiça.

A Eritréia foi colônia italiana, protetorado britânico após a Segunda Guerra Mundial, e província etíope autônoma. Quando o Imperador Selassie anexou efetivamente a Eritréia ao Estado etíope, em 1962, começaram as atividades separatistas dos guerrilheiros do Exército de Libertação da Eritréia. Estes, de maioria muçulmana, recebiam apoio dos países árabes da região e da URSS, em contrapartida ao apoio norte-americano e israelense ao governo central de Adis-Abeba.

A recém-independente (1977) República de Djibouti — ex-Somália francesa e ex-Território Francês dos Affars e Issas — tem uma população de etnias somali e etíope em proporções quase idênticas, e controla o principal porto utilizado pela economia da Etiópia, que é servido por uma ferrovia desde Adis-Abeba. Seu primeiro governo é moderado, está sendo apoiado militar e financeiramente pela França e politicamente pelo Egito e Arábia Saudita. Sua quase única atividade econômica é o movimento portuário, o qual está quase paralisado, devido à interrupção do tráfego ferroviário, durante a guerra somali-etíope.

A Somália, após ser considerada por muitos anos o *Pais da KGB*, tal a influência soviética no país, mudou sua orientação em 1977. Durante muitos anos, a URSS investiu grandes somas em ajuda militar e econômica à Somália; construiu o Porto de Berbera no Golfo de Aden, para apoiar as forças navais russas, melhorou os aeródromos e equipou as forças armadas somalis. Esse investimento cresceu ainda mais, após a expulsão dos soviéticos do Egito, em 1976. Porém, no início de 1977, o Tenente-Coronel Marian, de ideologia marxista, assumiu o poder em Adis-Abeba, na Etiópia, após cerca de dois e meio anos de sucessivos e sangrentos golpes de estado. Ele buscou imediatamente o apoio soviético e cubano, expulsou os norte-americanos — que anteriormente operavam um grande centro de comunicações (inclusive VLF) em Asmara, mas conservou o apoio israelense — a quem nunca interessou um Mar Vermelho com litoral totalmente árabe-muçulmano, isto é, com uma Eritréia soberana.

As graves dissensões políticas internas enfrentadas pelo governo etíope do Tenente-Coronel Marian, em 1977, as crescentes atividades dos guerrilheiros eritreus que já controlavam quase todo o território daquela província, e o antigo objetivo nacional da Somália de anexar as terras habitadas por povos de etnia e língua somali, estimulou esta última a tentar desmembrar da Etiópia o Deserto de Ogaden, utilizando principalmente forças paramilitares. A confrontação militar em Ogaden, com nítida superioridade somali, permitiu ao Presidente Marian reforçar seu apoio político interno e obter assessoria soviética e tropas cubanas para defender seu país da *invasão*.

Os russos tiveram então de optar; e optaram pela Etiópia. Foram expulsos a seguir da Somália, perdendo todo seu investimento ali despejado por tantos anos! Será esta expulsão porém definitiva? Quem sabe? Os africanos árabes ou negros têm sido instáveis em sua simpatia pelos russos! . . .

- as áreas de grande riqueza mineral do Sul do Zaire (Shaba), da Zâmbia e do Transvaal;
- os centros industriais sul-africanos de Johannesburg, Capetown e Durban.

OS INTERESSES DO BRASIL NA ÁFRICA

Nossos interesses em África são, em princípio, muito semelhantes àqueles das grandes potências, tendo em vista a nossa pretensão de ser uma potência mundial, ao final deste século.

Em termos econômicos, o continente africano representa para o Brasil primeiramente, uma fonte importante de matérias-primas, de origem mineral, de que somos carentes, como o petróleo, o cobre, o cobalto, o cromo, o urânio, o carvão e o ouro; em segundo lugar, é um grande mercado consumidor em potencial para os produtos agrícolas e manufaturados brasileiros; e, principalmente, para a nossa exportação de serviços e de tecnologia, adaptada às regiões tropicais. Além disso, vários países africanos são nossos competidores na exportação de produtos agrícolas tropicais (café, cacau, castanha de caju) e minério de ferro (Libéria).

Nos últimos anos, o nosso principal consumidor foi a República da África do Sul, com um volume de trocas superior ao de toda a África negra reunida; mas com exceção do petróleo nigeriano. Atualmente, a Nigéria vem crescendo, como consumidora de nossos bens e serviços.

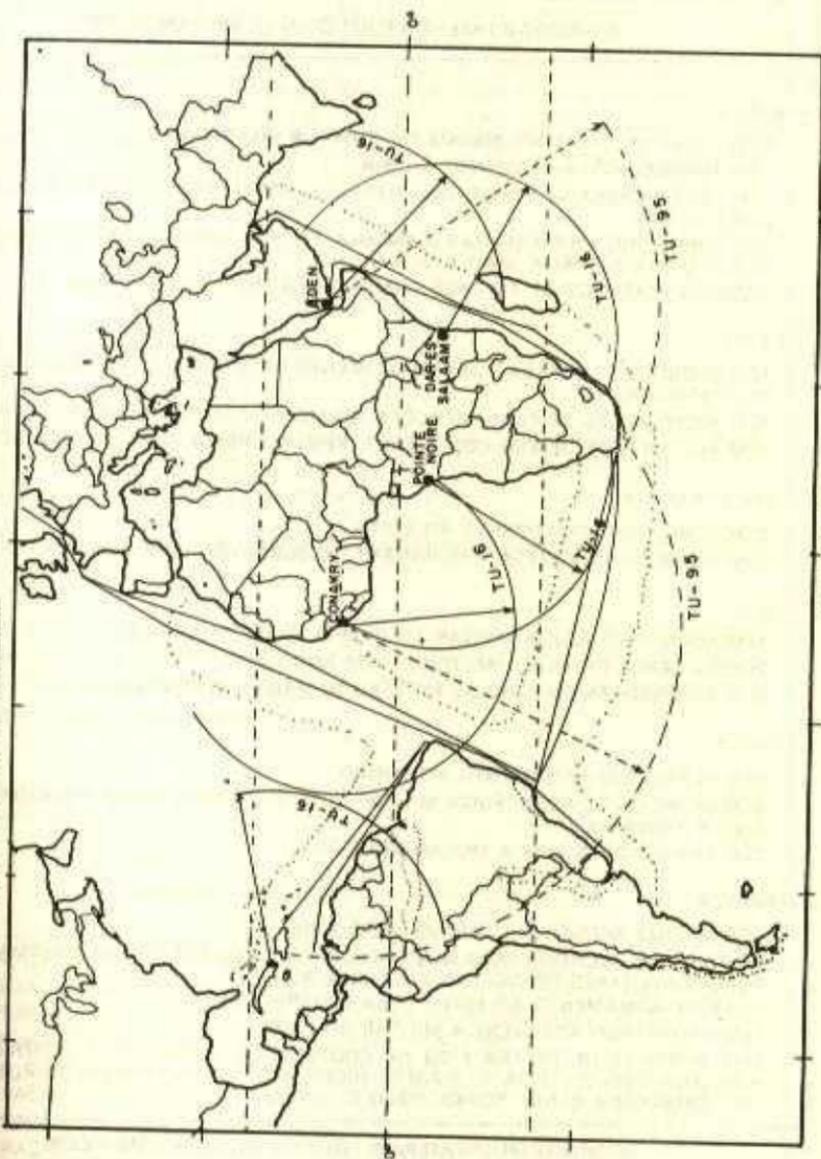
Foram, também, pioneiras as nossas firmas de construção civil, que vêm realizando grandes obras na Mauritània (Cia. Mendes Júnior) e na Argélia (Construtora Rabello), além da grande venda de veículos militares para a Líbia (Engesa), com o pagamento, inclusive, do treinamento e da manutenção.

Os interesses políticos derivam, inicialmente, da composição multinacional brasileira — com um grande contingente de origem negra e um expressivo percentual, também, de origem árabe — além da identidade lingüística com as ex-colônias portuguesas (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe). Outro fator importante é o de ainda fazermos parte dos países *em desenvolvimento*; e, portanto, aliado dos africanos no conflito Norte—Sul.

Além do mais, como potência emergente, o Brasil terá de obter nos fóruns internacionais o apoio do bloco afro-asiático — sem sacrifício dos seus interesses maiores, e de atuar politicamente em todas as áreas externas, com grande flexibilidade e busca de interesses comuns.

Os interesses estratégico-militares derivam não só dos conflitos latentes e existentes em épocas de paz — ou de guerra fria — mas, principalmente, da utilização, por nós ou por nossos oponentes, de possíveis áreas sensíveis, e presumíveis hostilidades regionais ou globais, no futuro.

ÁREAS OCEÂNICAS COBERTAS PELAS AERONAVES SOVIÉTICAS DE PA-
 TRULHA MARÍTIMA COM MISSEIS ANTINAVIO, OPERANDO DA GUINÉ (GONAKRY), REP. POR DO
 CONGO (P. NOIRE), TANZÂNIA (DAR-ES-SALAAM), REP. POP. DEM. DO IEMEN (ADEN) E CUBA (ANTO-
 NIO MAGEO). — RAIO DE AÇÃO MÁXIMO.



ANEXO 'G'

ANEXO A

ACORDOS BILATERAIS POLÍTICO-MILITARES EM VIGOR

A U.R.S.S.:

- CONSTRUIU INSTALAÇÕES NAVAIS NA SOMÁLIA (BERBERAI).
- VEM FORNECENDO ARMAMENTO À LÍBIA.
- TEM PROPORCIONADO, ESPORADICAMENTE, ASSISTÊNCIA MILITAR À ARGÉLIA, MARROCOS E SUDÃO.
- TEM FORNECIDO AJUDA MILITAR À ANGOLA, ETIÓPIA, GUINÉ, GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE, NIGÉRIA, SOMÁLIA, MALI E UGANDA.
- ASSINOU TRATADOS DE AMIZADE COM ANGOLA (76) E MOÇAMBIQUE (77).

OS E.U.A.:

- TÊM ACORDOS DE DEFESA E DE FORNECIMENTO DE AJUDA MILITAR FINANCIADA À TUNÍSIA E MARROCOS.
- TÊM INSTALAÇÕES DE COMUNICAÇÕES NO MARROCOS POR ACORDO INFORMAL.
- TÊM ACORDOS DE DEFESA COM GHANA, KENYA, LIBÉRIA, SENEGAL E ZAIRE.

A GRÃ-BRETANHA:

- TEM FORNECIDO ARMAMENTO AO EGITO.
- TEM ACORDOS DE DEFESA, TREINAMENTO E SOBREVÔO COM O KENYA.

CUBA:

- TEM FORNECIDO AJUDA MILITAR AO CONGO, GUINÉ E SOMÁLIA.
- POSSUI CERCA DE 15 MIL MILITARES, EM ANGOLA.
- TEM ASSESSORES EM GRANDE NÚMERO DE PAÍSES AFRICANOS.

A CHINA:

- TEM FORNECIDO ARMAMENTO AO SUDÃO.
- TEM ACORDOS DE ASSISTÊNCIA MILITAR COM: CAMARÕES, GUINÉ EQUATORIAL, GUINÉ MALI E TANZÂNIA.
- TEM FORNECIDO AJUDA A MOÇAMBIQUE.

A FRANÇA:

- POSSUI UMA MISSÃO MILITAR NO MARROCOS.
- ASSINOU UM ACORDO COM A NOVA REPÚBLICA DE DJIBOUTI PARA A PERMANÊNCIA DE FORÇAS MILITARES FRANCESAS BASEADAS ALI.
- FORNECE ARMAMENTO AO EGITO, LÍBIA E MARROCOS.
- TEM PROPICIADO ASSISTÊNCIA MILITAR AO ZAIRE.
- TEM ACORDOS DE DEFESA E/OU DE COOPERAÇÃO MILITAR COM: IMPÉRIO CENTRO-AFRICANO, GABÃO, COSTA DO MARFIM, NIGER, ALTO VOLTA, REPÚBLICA MALGAXE, SENEGAL, CAMARÕES, BENIN, TCHAD, TOGO E CONGO.

ACORDOS MULTILATERAIS POLÍTICO-MILITARES EM VIGOR

- EM MAIO/1963, FOI CONSTITUÍDA A ORGANIZAÇÃO DE UNIDADE AFRICANA (O.U.A.), À QUAL SÃO FILIADOS TODOS OS ESTADOS AFRICANOS INDEPENDENTES, RECONHECIDOS INTERNACIONALMENTE EXCETO A REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL.

ACORDOS INTER-AFRICANOS POLÍTICO-MILITARES EM VIGOR

- A ARGÉLIA E LÍBIA ASSINARAM UM ACORDO DE DEFESA, EM DEZ/75.
- EGITO E SUDÃO ASSINARAM ACORDO DE DEFESA, EM JAN/77.
- KENYA E ETIÓPIA ASSINARAM ACORDO DE DEFESA, EM 1963.
- TEM HAVIDO COOPERAÇÃO MILITAR ENTRE A ÁFRICA DO SUL E A RODÉSIA.
- EGITO, MARROCOS E ÁFRICA DO SUL PROVERAM AJUDA MILITAR AO ZAIRE, POR OCASIÃO DA RECENTE ATIVIDADE GUERRILHEIRA EM SHABA (KATANGA).
- SÃO MEMBROS DA LIGA DE ESTADOS ÁRABES, NA ÁFRICA:
- ARGÉLIA
- LÍBIA
- MARROCOS
- SUDÃO
- TUNÍSIA.

Fonte: The Military Balance 77-78.

O mapa em anexo G mostra o alcance de aviões soviéticos baseados em Conakry, Pointe Noire, Dar-es-Salaam e Áden, em relação ao território brasileiro e às nossas rotas essenciais de tráfego marítimo e aéreo.

Para terminar, deixarei, com os Senhores, o seguinte pensamento de Maquiavel:

"Um príncipe precisa ter duas razões de receio: uma de origem interna, da parte de seus súditos, outra de ordem externa, da parte dos grandes de fora. Defender-se-á destes com boas armas e bons aliados; e tendo armas sempre terá bons amigos."

ANEXO B

ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS COMUNISTAS
(SUBSIDIADAS PELA URSS)

- ORGANIZAÇÃO DE SOLIDARIEDADE DO POVO AFRO-ASIÁTICO. (CAIRO)
- ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS ADVOGADOS DEMOCRÁTICOS. (BRUXELAS)
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS LUTADORES NA RESISTÊNCIA. (VIENA)
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DOS JORNALISTAS. (PRAGA)
- UNIÃO INTERNACIONAL DOS ESTUDANTES. (PRAGA)
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DEMOCRÁTICA DAS MULHERES. (BERLIM ORIENT.)
- FEDERAÇÃO MUNDIAL DA JUVENTUDE DEMOCRÁTICA. (BUDAPESTE)
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES CIENTÍFICOS. (LONDRES)
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS SINDICATOS. (PRAGA)
- CONSELHO MUNDIAL DA PAZ. (HELSINKI)

Fonte: "World Communism: Status Report 1978" for Richard Staar.

ANEXO E	
IMPORTAÇÃO DE PETRÓLEO PELO BRASIL, EM 1976	
ORIGEM	QTD. EM BARRIS
* ORIENTE MÉDIO	266.638.828
ÁFRICA	29.975.022
AMÉRICA DO SUL	8.330.984
EUROPA	989.453

* Obs.: Portanto, pela rota marítima do Cabo da Boa Esperança, passou 87% do petróleo que importamos, ou 77% do petróleo que consumimos, em 1976.

ANEXO F
ROTA DO CABO DA BOA ESPERANÇA (1977)
— 45% DE TODO O TRÁFEGO MARÍTIMO DO HEMISFÉRIO SUL.
— 24.000 NAVIOS CONTORNAM ANUALMENTE O CABO.
— 1.000.000 DE TONELADAS DE PETRÓLEO PASSAM DIARIAMENTE AO LARGO DE CAPE TOWN.